

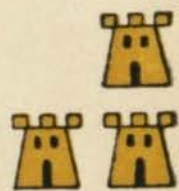
Annibal Soares



Chronica

do

Exilio



PARIS

EMPREZA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"



# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	}	Anno . . . . .	Fr.	14
		Semestre . . . . .	—	7.50
		Numero avulso . . . . .	—	0.30

## SUMMARIO :

O "intellectual" Duarte Leite e o termo do seu frete.

Do provavel advento do snr. Affonso Costa, e de como elle provoca um regosijo geral.

Reclama o chronista o snr. Affonso Costa no poder, e dá em tres capitulos separados as tres razões do seu dito.



ão ha hospedes mais incommodos e pegu-  
lhentos do que aquelles *que não desejam ser importunos*, nem ha governos mais aferrados ao poder do que uns que consentem em exercel-o por *mero patriotismo* ou por *dedicação ás instituições*, affectando um grande sacrificio dos gostos e interesses pessoaes dos illustrissimos ministros.

Como todos os « homens superiores » da sua igualha, o snr. Duarte Leite — o *teso*, crivado de desconsiderações politicas de toda a especie e de cheques parlamentares que teriam feito retirar-se ha muito, corrido de vergonha, o menos accessivel a similhante sentimento — só se vae embora quando á má-cara o puzer no olho da rua algum dos « eminentes chefes politicos » que teem estado a explorar o seu desvanecimento saloio, mal disfarçado sob a tintura d'um postiço e infinitamente comico desdem pela « insignificancia » das funcções ministeriaes — como se estas ficassem muito aquem da immensa capacidade d'um tal genio.

Porém como justamente o seu frete vae chegando ao termo, parece avizinhar-se o dia em que de bom ou mau grado o snr. Duarte Leite, com a sua *cégada intellectual* d'insignes Ferreiras e de Cerveiras enormes, ha de ir ao Paço de Belem devolver ao Rei

Chéché XXII, (como se diz nas parodias d'entrudo) as vasiaas pastas ministeriaes; e tanto quanto se pode prevêr dentro d'um regimen absurdo desde os fundamentos, é crível que a nova sucia dirigente pertença, mais volta menos volta, áquella quadrilha de fórmias exteriormente politicas que o snr. Affonso Costa capitanea e que é, como se sabe, o proprio *triple extrait* da infima demagogia nacional.

A questão da subida do snr. Affonso Costa ao poder colloca pela primeira vez d'accordo, e d'accordo pleno, a opinião monarchica e os mais façanhudos jacobinos de Portugal: todos o ambicionamos lá, uns por anciosos de que o impenitente energumeno estabeleça definitivamente no paiz o imperio do Anti-Christo e *queime com impostos*, conforme prometteu, o odiado capital; outros confiantes em que por mais tortas que sejam as linhas, sempre a omnisciencia de Deus tem maneira d'escrever direito por cima d'ellas. E para que as esperanças e os jubilos ultrapassem o acanhado ambito das fronteiras lusitanas, até a judiaria allemã esfrega as mãos de contente, prelibando as delicias da mais ou menos ostensiva posse d'Angola — numero este, que no programma particular de vida do snr. Affonso Costa precede immediatamente a retirada para o *cottage* de Lausanne, com a pesca á canna e os outros tranquillos prazeres d'um rendeiro, honestamente enriquecido no negocio...

Eu por mim, dentro da limitada esphera em que me é permittido exprimir e propalar os meus votos, tambem quero, de toda a raiz do coração, o snr. Affonso Costa no governo; isto por tres ordens de razões principaes, de que me proponho submetter aos leitores os breves topicos.



Eu quero o snr. Affonso Costa no poder, em primeiro logar por amor da logica.

A Republica portugueza, tal como é pelas circumstancias que lhe acompanharam a nascença e pelos

seus processos e intuitos, não se entende nem faz sentido, senão dirigida de direito pelo snr. Affonso Costa e pela sua conrobia. Se a Republica, apparentemente sahida de um movimento revolucionario frouxo e absurdo, é na realidade um producto da cobardia e da defecção dos que tinham a seu cargo como honrosa missão de confiança a defesa das instituições monarchicas, a Republica deve ser governada pelo snr. Affonso Costa com o seu coronel Barreto, incarnação suprema do traidor timorato e hypocrita, calculado e frio como um envenenador, lepidio e cauteloso como um rato que vae roendo na dispensa o mantimento, com o coração aos pulos e a orelha sempre esperta, para correr ao primeiro ruido a encafuar-se na sua buraca escusa e **disfarçada**.

Se a Republica é a dissimulação politica d'um grande syndicato de criminosos communs tendo em vista o exercicio amplo e soffrego dos seus instinctos sanguinarios dentro do privilegio d'uma segura impunidade, o mais logico é que ella seja regida pelo snr. Affonso Costa, que é desde o primeiro dia, por si e pelos seus canudos, o instigador, o apologista e o mais categorisado auctor moral de todas as violencias, de todas as crueldades, de todas as torpes e traiçoeiras villanias que a Republica tem dado pretexto a commetterem-se contra toda a gente de bem ao longo de todo o Portugal, em vinte e seis mezes d'um abjecto despotismo de rufias, de vadios e de salafrarios de toda a especie.

Se o regimen tem (e tem evidentemente) como ideal administrativo o que foi formulado dentro do ministerio da Guerra nos primeiros dias do triumpho por aquelle esbofado « patriota » a quem o snr. Theophilo Braga diz ter ouvido gritar com quanta força tinha no estomago engelhado : — *Isto agora é nosso ! nós tambem queremos comer !* — o regimen deve ser representado no governo pelo ministro republicano que até hoje tem conseguido deter o difficil *record* da audacia e do impudor no ataque aos cofres publicos e na illegal distribuição dos mais chorudos e melindrosos logares

do Estado pela parentela inculta, pela boçal famulagem que o rodeia e pelos seus associados e procuradores nos negocios soffrivelmente tenebrosos da sua advocacia.

Se a Republica tem como uma das razões da sua existencia a guerra ao sentimento religioso e a aniquillação da Igreja, a Republica só pode coherentemente ser governada pelo « estadista » inigualavel, que prometteu solememente á maçonaria *fazer extinguir em tres gerações o catholicismo em Portugal*.

Se, finalmente, o regimen é de lucta aberta e effectiva contra todas as outras instituições e todos os sentimentos em que se funda e alimenta a sociedade actual — a familia, a propriedade, o capital, a honra burgueza, a moral dos sexos, o ascendente da idade, da intelligencia, da posição social — justo é que o regimen seja conduzido aos seus fins exactamente pela purria affonsina, que é a que dentro da Republica menos tem de tudo isso, e mais declarada e decididamente *s'en fiche...*

A ferocidade, a felonía, a cupidez, o desprezo de todos os principios moraes, politicos e sociaes que podem ter de pé uma nacionalidade, estão *na pratica* de todos os homens e de todos os partidos do regimen, mas só o snr. Affonso Costa e a sua gente os ostentam lealmente *na pratica e na doutrina*; recusar-lhes pois a representação official da Republica é uma hypocrisia, uma especie de homenagem á *malta reaccionaria e thalassica*, podendo dar a entender que a Republica se não sente bastante forte para ter á face do paiz e do mundo a coragem das suas opiniões.

O snr. Affonso Costa é o regimen na sua mais lidima expressão, e quem o duvidasse, não tinha senão que attentar nos elementos que o procuram e com que elle naturalmente se vae combinando durante as operações de chimica politica d'onde tem sahido o simulacro de partidos que fervilham na Republica.

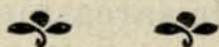
Ha, n'aqnella multidão de tolos—maus, uns em quem a velhacaria sobrepuja a idiotice, e muitos outros

em quem a imbecilidade afoga e quasi faz esquecer todas as inferioridades do character.

Ora ao passo que estes ultimos se dispersam caprichosamente pelas outras facções da politica demagogica, os primeiros arremessam-se para o snr. Affonso Costa com a velocidade, e provavelmente muitas vezes com a inconsciencia, com que a limalha de ferro vò para as extremidades d'um iman.

O senador Nunes da Matta não é do snr. Affonso Costa ; o senador Faustino tambem não. Mas o coronel Barreto é d'elle ; mas o snr. Bernardino Machado é d'elle ; mas o falsario (e senador) Djalme é d'elle, como o miseravel delator (e senador) José de Padua, como Ferreira do Amaral ; Teixeira de Sousa é d'elle ; o snr. José d'Alpoim finge admirar-o e adula-o.

Só quando a perversidade e a estupidez jogam as turras dentro do mesmo individuo, sem lograrem vencer-se uma á outra, é que o snr. Affonso Costa vae então e desempata, apanhando o sujeito para si. Tal é o caso Estavem de Vasconcellos — o *burro*, segundo a propria e deficiente auto-classificação parlamentar(\*) ; tal é o caso Ribas d'Avellar ; tal é o caso França Borges.



Por vezes, o jogo das attracções que se produzem entre o snr. Affonso Costa e determinadas individualidades é tão incomprehensivel na sua razão intima como o proprio jogo eternamente mysterioso das forças naturaes.

Tomemos, por exemplo, Ferreira do Amaral. O que é que pode tão violenta e irresistivelmente puxar

---

(\*) « Respondendo hontem no Senado ao sr. dr. Pedro Martins, em defeza do seu projecto ácerca dos accidentes no trabalho, o sr. Estevão de Vasconcellos disse textualmente o seguinte em lacrimoso accentto :

— Ai ! sr. Pedro Martins, sr. Pedro Martins ! se o projecto fôsse obra do governo provisorio em vez de ser feito pelo burro do Estevão de Vasconcellos, já v. ex.<sup>a</sup> não o atacaria com essa violencia ! ».

(Da Republica, 26 de novembro de 1912.)

um para o outro, precipitar nos braços um do outro o cabecilha da demagogia lisboeta e o antigo presidente do conselho d'El-Rei D. Manuel? O interesse, que é o que por via de regra determina as ligações entre os homens, mórmente quando os homens são estes dois de que se trata, não explica todavia o connubio politico entre o snr. Affonso Costa e o snr. Ferreira do Amaral.

Que conveniencia tem Ferreira do Amaral que é um official reformado, que foi ministro, que foi presidente do conselho, que foi par do reino, que foi gran-cruz, que da Republica não poderá receber mais proventos do que os que tem e que em materia de honrarias não póde em conjunctura alguma vir sequer a approximar-se de longe das que já possuiu — que conveniencia tem este homem, no ultimo quartel da vida, em se refocilar com uma especie de volupia no seu proprio aviltamento, deixando que Affonso Costa e a sua canalheta jornalistica e palrativa o andem a exhibir, preso pelo pé, nas chafaricas partidarias, offerecendo-o ao publico n'um afflictivo espectaculo de degradação moral, como se expoem nas barracas de feira uns repugantes monstros teratologicos por via dos quaes a Natureza parece ter querido entre-mostrar, n'um tom de sarcasmo e d'ameaça, a variedade caprichosissima e infinita dos castigos que póde mandar ao mundo?

E Affonso Costa, pela sua parte, para que demonio quer elle o snr. Ferreira do Amaral — velho tonto desacreditado e immoral, mais inutil agora do que nunca, sem nenhuma especie de prestigio nem como politico nem como militar, polluido por todas as abjecções publicas e privadas, e tão despresivel aos olhos dos officiaes monarchicos como dos republicanos — que ainda por cima se enfurecem, naturalmente, ao verem-se preteridos nas suas ambições politicas por um traidor da mais baixa especie, incapaz de arriscar pela Republica, como pela Monarchia, como pelo quer que fôsse, a sobremeza d'um almoço?

É que no mundo moral, como no mundo da materia,



ha factores obscuros, sympathias ingenitas e inven-civeis, que determinam a combinação necessaria de certos atomos uns com outros, por uma affinidade que está invioladamente na sua essencia mesma...



Em segundo logar quero-o no poder, porque o snr. Affonso Costa é o governante ideal... para os seus adversarios.

Ninguem possui como elle a sciencia... das *inoppor-tunidades* ; ninguem tão irresistivelmente como elle padece a necessidade de decretar o inexequivel, o absurdo, o irritante, e (o que é melhor) ninguem leva tão longe a casmurrice de o fazer cumprir. Nin-guem tão convictamente como o snr. Affonso Costa faz da ignorancia um sacerdocio, e da brutalidade, da grosseria, da pimponice provocadora os primeiros deveres do estadista. Nunca sociedade alguma teve um dirigente em mais aberta e inilludivel opposição com a vontade, com a moral, com os sentimentos, com as tendencias e aspirações da generalidade dos homens que a constituem. Ninguem o iguala na incapacidade de prevêr e de prevenir. Ninguem pôde gabar-se de ser, tanto como elle, a negação mesma do governante, formal e substancialmente.

O snr. Affonso Costa é aquelle *lente de Direito*, que tendo pretendido apenas regulamentar os arren-damentos das casas (frioleira quasi de méro expe-diente, que um amanuense do ministerio lhe rabis-caria dentro de meia hora na sua forma pratica e definitiva) teve que publicar sobre a materia nada menos do que oito successivos rascunhos no *Diario do Governo*, cada um procurando em vão completar os anteriores ou remediar-lhes as tolices, e cumulati-vamente se viu forçado a abrir no seu orgão jorna-listico uma secção... *d'interpretação autentica* dos mesmos borrões, onde todos os dias mettia a tal respeito os pés uns pelos outros ; acabando tudo, depois de inextricavel baralha, pela nomeação d'uma

junta encarregada.. de *codificar a legislação* (sic) do governo provisório sobre o *importante* instituto jurídico dos arrendamentos das casas.

De resto, os documentos da incapacidade d'esse doutor de capello como homem de leis amontoam-se ao longo das columnas da folha official, durante todo o periodo da sua gerencia do ministerio da Justiça. Por exemplo o decreto estabelecendo o divorcio, que foi publicado a 3 de novembro de 1910, logo aos 21 de dezembro teve que levar uma tomba, constituindo outro decreto *explicativo*, e umas gaspeas em portaria de 2 de março sobre a fórmula do processado, ficando-lhe ainda para deitar no anno seguinte os remendos das portarias de 18 d'outubro e 8 de dezembro, sobre os tramites do processo e outras miudezas. E no fim de tudo isto a legislação sobre o divorcio ficaria para todo o sempre como um exemplar amontoado d'incoherencias, de contradicções, d'erros d'officio e de despauterios, se não tivesse antes que ser irradiada dos codigos portuguezes como uma garotice obscena, cujo conhecimento deve tornar-se vedado ao publico.

A organização dos tribunaes criminaes e dos juizos de investigação em Lisboa e Porto foi feita por decreto de 14 d'outubro de 1910 ; accrescentada pela portaria de 18 ; logo refeita por decreto do dia 20 ; corrigida por outro decreto de 26 — tudo dentro do mesmo mez d'outubro ; alterada por novo decreto de 18 de novembro, modificada por mais um decreto de 15 de fevereiro.

Para se conseguir dar uma amnistia a alguns delinquentes, *solemnizando o acontecimento mais notavel da historia patria*, e tornar mais ou menos comprehensivel e exequivel o pensamento do legislador, foi necessario confeccionar successivamente : o decreto de 4 de novembro de 1910, o decreto interpretativo de 14 do mesmo mez, outro decreto igualmente interpretativo em 5 do mez seguinte, umas instrucções em 14 de dezembro ; e finalmente ao acabar o anno que teve a ventura d'assistir ao *acontecimento mais notavel da historia patria*, ou seja, a 31 de dezembro

de 1910, ainda se fazia sobre o assumpto um novo decreto adicional... que aliás foi corrigido e completado ainda por mais um decreto de 31 de janeiro de 1911 ; — todos estes diplomas emendando-se, ampliando-se, restringindo-se, e contradizendo-se de tal maneira uns aos outros, que só por milagre se entende que não tenham sahido das cadeias todos os presos, ou que não tenham todos ficado ainda lá dentro, á espera d'um modesto e simples decretosinho forjado por um official de diligencias, que dissesse : « são amnistiados os crimes taes e taes, e é applicavel esta disposição a taes e taes categorias de delinquentes, ficando revogada a legislação em contrario »...

Um ministro da Monarchia, mesmo sem capello e sem doutorice, que se tivesse permittido taes virtuosismos d'inepcia, ficaria esmagado sob o peso d'um ridiculo insanavel, e liquidado como homem publico para todos os dias da sua vida.

Esta incompetencia, que chega a ser rara, do snr. Affonso Costa como legista, só é igualada pela sua tambem maravilhosa inaptidão como governante. Não tem nem o sentimento das proporções, nem o das possibilidades, nem o das realidades do homem e do meio social. Ignorante da historia e de tudo, e cabalmente desprovido de tacto politico, não é capaz de prevêr nem pelo passado, nem pela sciencia, nem pela intuição. Os mais proximos e visiveis resultados da mais corriqueira providencia governativa escapam-lhe por completo.

O « oculo intellectual de ver ao longe », na pittoresca expressão d'um antigo cathedratico de Direito, não foi manifestamente propiciado pela Natureza ao snr. Affonso Costa. Elle é o *professor d'Economia Politica*, que tendo concebido a ideia de dar á luz o tal simples e comesinho regulamento dos arrendamentos urbanos, a que já alludi, o amanhou de tal maneira, que d'essa correntia e insignificante medida ministerial logrou prodigiosamente fazer sahir as seguintes consequencias, não falando senão nas mais evidentes : uma enorme depreciação da propriedade

urbana ; o correspondente decrescimento na contribuição predial e na de registo ; uma tremenda crise de construcção, com os correlativos effeitos sobre a economia publica e sobre as receitas do thesouro ; a concomitante miseria entre os operarios da construcção e os das industrias subsidiarias, de tal modo que, segundo o depoimento do snr. Brito Camacho, poucos mezes volvidos sobre a publicação d'aquelle decreto já o Estado tinha gasto trezentos contos em socorros a esses trabalhadores desempregados, para minorar ligeiramente a sua situação afflictiva ; e emfim, um aggravamento dos preços das rendas e das condições geraes do inquilinato... que o decreto pretendia beneficiar ! Elle é o *professor d'Economia Politica* que desconhecendo todas as fatalissimas leis da incidencia e da diffusão dos impostos, ameaça boçalmente (e nas actuaes circumstancias da economia nacional !) *queimar as propriedades com contribuições*, como se não fossem as classes populares que veem sempre a ficar *queimadas* n'esta brincadeira com o fogo dos tributos — quando o não fica tambem e principalmente... o *pyrotechnico* !

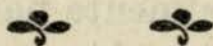
Mas para que exemplificar sequer a sua incapacidade como politico ? O snr. Affonso Costa foi o homem feito, não digo para incompatibilisar a Republica com o paiz, mas para revelar e metter pelos olhos do mundo inteiro, desde a primeira hora, essa incompatibilidade preexistente e fundamental, porque não houve ninguem que elle não procurasse, a quem não irritasse, cidadão pacifico e desinteressado a quem o snr. Affonso Costa e a frandulagem que o appoia não fossem fazer sentir que em Portugal existe agora um regimen, expressamente destinado a incommodar e a importunar toda a gente, seja por *fas* ou por *nefas*.

Digam ao snr. Affonso Costa que na aldeia mais recondita e desconhecida de Traz-os-Montes ou da Serra da Estrella, ou no meio da mais desolada charneca alemtejana, resta ainda um sujeito, que anda na lua, que não sabe mesmo se Portugal é Monarchia ou Republica, nem o que isso quer dizer ;

que se limita a satisfazer pontualmente e sem recal-citrar as suas contribuições e os seus outros deveres para com o Estado ; que é surdo e mudo e cego para a politica e para tudo que com ella se póde relacionar; e que em resumo, o que quer é que não o macem. Pois o snr. Affonso Costa não descansará mais, emquanto este individuo tiver socego.

Ha-de lhe metter a Republica, as suas provocações, as suas perseguições e os seus vexames por todas as portas e janellas, ou pelas frinchas das janellas e das portas, se elle dér volta á chave e puzer as trancas. Se o homem é proprietario ameça-lhe a propriedade ; se é capitalista contesta-lhe o capital ; se é agricultor ou fabricante indisciplina-lhe os jornaleiros ou os operarios. Se tem familia dissolve-lh'a : se tem mulher divorcia-lh'a por dá cá aquella palha, se tem filhos tira-lh'os, se os não tem dá-lh'os, com uma lei de investigação de paternidade em que cada um póde passar a ser filho de quem mais lhe agrade e lhe convenha ; se o paciente não quer com este mundo sublunar a mais remota relação e não faz mais do que apegar-se á esperanza na vida futura, o snr. Affonso Costa nega-lhe Deus e os santos e prohibe-o de crêr. De modo tal que este infortunado, quando não lhe deixam mais em que se entretenha, passa naturalmente... a conspirar.

O snr. Affonso Costa é a levedura da Republica : bemvindo seja elle ao poder !...



E em terceiro logar quero-o lá porque, não sendo um democrata senão em termos muito moderados, ou d'uma maneira que não é a mais corrente, gósto de ver o governo personalisado. O snr. Affonso Costa é a Republica no que ella tem de mais atrabiliario e violento, mas, no actual estado das coisas, é-o incoercivelmente. Convem que se materialise e se condense em formas palpaveis.

O snr. Affonso Costa é a joldra de faccinoras desa-

tremados sobre todas as cidades, villas e aldeias do paiz para inquietar, tyrannisar, aggre-dir, pilhar, prender, matar á discreção e sem perigo todos os suspeitos de serem pessoas de bem, dentro d'um meio social onde o banditismo tem a consagração das auctoridades e das leis. O snr. Affonso Costa é a canalha ignobil que nas ruas das grandes cidades aguarda as levadas de prisioneiros, quando passam como réguas de gado miserando, para cobardemente os insultar, os bater, os cuspir e escarnecer, com uma bestial ferocidade que não tem memoria nem nos *cortejos de captivos* dos velhos povos barbaros. O snr. Affonso Costa é o espião que todos os portuguezes trazem no seu encaço, d'olho torvo e ventada aberta, seguindo-lhe cada passo, suspeitando-lhe cada intenção, cada affeição, cada habito, devassando-lhe até os intimos pensares e guardando na mão como coisa propria a sua tranquillidade, a sua fazenda, a sua liberdade, a sua vida; é o abjecto escriba açulando, denunciando, enxovalhando, tresuando raiva, reumando rancores, contentando despeitos e vinganças a coberto d'uma certeza mais ou menos illusoria da impunidade; é o torcionario martyrisando na lobrega e mysteriosa escuridão das masmorras os encarcerados indefesos; é o blasphemo affrontando e humilhando a piedade do crente, chasqueando e aviltando os symbolos da sua fé; é o *tribunal marcial*; é toda a sordidez, todos os appetites insaciaveis e toda a baixez moral do regimen. Mas não sendo governo, não é pessoalmente nada d'isto.

As pupillas ardentes dos penitenciarios, trespas-sando os dois buracos do capuz asphyxiante, voltam-se para elle. As amarissimas lagrimas da abandonada, da viuva, os rostos consternados ou frementes dos orphãos, vão para elle. As almas dos mortos buscam-no a elle, e querem roçar-lhe o vulto.

Mas não o encontram.

Ora quando os beneficiarios ou as victimas da obra d'um governante se poem a procural-o, é bom que elle esteja no seu logar. ANNIBAL SOARES.

